



**Medalha com máscara/** O embaixador de Israel, Yossi Shelley, entrega a medalha de Jerusalém para o ministro do Supremo Tribunal Federal e o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Luís Roberto Barroso, na Embaixada de Israel em Brasília (foto).

**Vai virar meme/** Abraham Weintraub desejou boa sorte a Renato Feder como ministro da Educação. Fez o mesmo com Carlos Decotelli, aquele que foi sem nunca ter sido. Não por acaso, já tem gente comparando Weintraub ao cantor Mick Jagger, líder dos Rolling Stones, visto como pé frio pelos brasileiros amantes do futebol.

**Por falar no novo ministro...** A demora do presidente em confirmar o novo ministro da Educação escancarou as dificuldades em encontrar um nome sem melindrar os grupos radicais e muito menos render a eles. Renato Feder está sendo, inclusive, aconselhado a não aceitar, a fim de não se expor à perseguição por parte dos radicais do bolsonarismo.

**Pausa/** Saio por duas semanas de férias para tentar recarregar as energias. Se puder, #Iqueemcasa e, ao sair, #usemáscara.

## A era da segurança sanitária

Com a reabertura de comércios e serviços em quase todo o país, é bom os governantes e donos de estabelecimentos ficarem atentos, porque muita gente não pensa como aqueles que lotaram bares do Leblon. No período pré-pandemia, 23% já haviam buscado alguma vez informações sobre desinfecção antes de entrar num shopping, loja, restaurante, bar ou lanchonete, e 77% jamais haviam se preocupado com isso. Agora, 87% se mostram interessados nesse quesito, considerando os que, certamente, buscarão informações (55%) e aqueles que, provavelmente, buscarão (32%). Os dados são de uma pesquisa nacional do Instituto Locomotiva, em parceria com o grupo Onet, a qual a coluna teve acesso com exclusividade.

A pesquisa ouviu 2.157 pessoas no final de maio. A Onet, do ramo de limpeza, quis saber por área de serviço qual a que o cidadão prestará mais atenção em relação à desinfecção. Os restaurantes, os bares e as lanchonetes encabeçam a lista: 96% dos entrevistados dizem que essa medida é importante para se sentirem seguros e 86% dizem que ficarão mais atentos a esse quesito na hora de escolher qual frequentar. Quem quiser sobreviver nesse mercado, é bom estar atento a esses números (leia mais detalhes da pesquisa nas notas abaixo).



### Preocupação geral

O fato de as pessoas estarem saindo mais de casa não significa que não se preocupem com o vírus. Em todas as áreas, a desinfecção é considerada uma medida importante para que se sintam seguras — acima de 90%. Quanto a prestar atenção nesse ponto daqui para frente, a coisa muda um pouco. Em relação a supermercados, 85% se dizem mais atentos à desinfecção e limpeza. No transporte público, carros de aplicativos, táxis, aeroportos e aviões, o percentual de atenção varia de 81% (transporte público) e 79% (aeroportos e aviões).

### Volta às aulas

Quanto às escolas e universidades, 77% dizem que terão atenção quanto à desinfecção — o mesmo vale para clubes. Quanto aos shoppings, 76% dizem prestar mais atenção e, nos condomínios, 74%, o mesmo percentual em relação a locais abertos, como os parques.

### Quem quer dinheiroôô

A liberação dos R\$ 13,8 bilhões para medidas de combate à covid-19 ainda dará muita dor de cabeça ao governo. A relação de municípios contemplados entregue aos parlamentares tem provocado muitas dúvidas sobre os critérios. Palmas (TO), por exemplo, não tem recursos listados para a gestão municipal. Joinville, em Santa Catarina, tem R\$ 34,9 milhões, enquanto Vitória, capital do Espírito Santo, receberá R\$ 8 milhões, o mesmo valor destinado a Petrolina (PE). Caxias, no interior do Maranhão, receberá R\$ 20,4 milhões.

### Explica aí, Pazuello

O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, deverá ser chamado a explicar as liberações. Na portaria, o governo informa que atendeu aos critérios populacionais do IBGE para o Tribunal de Contas da União (TCU) em 2019, valores de produção de mídia e alta complexidade registrados nos sistemas de informação ambulatorial e hospitalar e valores transferidos dentro do Piso de Atenção Básica (PAB), em 2019.



ALEXANDRE DE PAULA / alexandresouza.df@dabr.com.br

Marcelo Ferreira/CB/D A Press - 11/5/20



## Quase R\$ 240 milhões contra a covid-19

O avanço da pandemia no Distrito Federal fez com que o orçamento da capital para este ano precisasse ser repensado. Até agora, cerca de R\$ 240 milhões foram empenhados pelo GDF para combater a covid-19 em várias áreas. Levantamento feito pela coluna no Portal da Transparência do DF mostra que, desse total, R\$ 135 milhões foram destinados para investimentos da Secretaria de Saúde. Dos R\$ 240 milhões empenhados, R\$ 90 milhões foram liquidados pelo Executivo local. Grande parte desses recursos, pelo estado de calamidade pública, é destinada para contratos emergenciais e compras sem licitação. Por isso, órgãos como o Ministério Público tem acompanhado de perto esses gastos.



A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR...

**Qual será o efeito da liberação de bares, restaurantes, salões e academias, além do retorno das aulas nas escolas públicas e privadas, no avanço da covid-19 no Distrito Federal?**

Sugestões para o orçamento

Até 12 de julho, a população poderá fazer sugestão para a elaboração do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2021. Na prática, os moradores do DF podem apresentar demandas das regiões, como necessidade de policiamento, manutenção ou falta de equipamentos públicos. As manifestações serão analisadas pela Secretaria de Economia. O texto deve ser enviado à Câmara Legislativa em breve. Recentemente, a Casa aprovou a Lei de Diretrizes Orçamentárias para o ano que vem. A participação popular pode ser feita por meio do site da Ouvidoria do GDF <http://ouvid.gov.br> ou pelo telefone 162.

Wallace Martins/Exp. CB/D A Press - 14/07/18



Em busca de recuperação

Com salários de professores atrasados e instalações precárias, a Fundação Brasileira de Teatro (FBT), responsável pela Faculdade e Complexo Cultural Dulcina de Moraes, abriu campanha para pedir ajuda para se manter durante a pandemia. Mesmo antes da covid-19, a situação financeira era complicada, mas, com o fechamento temporário do teatro e da unidade de ensino superior, houve perda de alunos e aumento da inadimplência. Na primeira etapa, a campanha, nomeada de #LevanteDulcina, busca R\$ 200 mil para quitar dívidas com vencimentos dos profissionais. Até agora, 5% do valor foram atingidos. As informações para doações estão disponíveis nas redes sociais da FBT.



Marcelo Ferreira/CB/D A Press - 22/11/19



SO PAPOS



Ana Rayssa/CB/D A Press - 12/11/19

Ed Alencar/CB/D A Press - 18/9/19



Em todas as plataformas

Em tempos de quarentena, políticos estão de olho em todas as formas de se comunicar com o eleitor. As redes sociais, há algum tempo, tornaram-se palco para quem está em cargo eletivo — ou planeja estar — se divulgar. Até no Tik Tok, rede social que bomba principalmente entre jovens e adolescentes, eles já chegaram. Do DF, a deputada federal Paula Belmonte (Cidadania) entrou para a plataforma de vídeos curtos e engajados com postagens que mostram, principalmente, o dia a dia com os filhos.



MANDOU BEM

Vacina contra a covid-19 será testada pela Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa será feita com base em imunização criada por empresa chinesa.



MANDOU MAL

O prefeito de Itabuna (BA), Fernando Gomes (PTC), afirmou, em entrevista, que abriria o comércio da cidade em 9 de julho e "morra quem morrer".

"A banda de forró Brucelose, comandada por Gilson Machado, decolou desde que assumiu a Presidência da Embratur (...) Você a contrataria para animar uma festa?"

Joice Hasselmann (PSL-SP), deputada federal.

"Lave a boca antes de falar da minha música, Joice Hasselmann. Ela te elegeu! Será que já esqueceu quem gravou e fez tua música de campanha?"

Gilson Machado Neto, presidente da Embratur.

Marcelo Ferreira/CB/D A Press - 23/2/19



Ataques

A deputada distrital Júlia Lucy (Novo) foi vítima de ataques em mensagens recebidas por meio do WhatsApp. As ofensas, com cunho ameaçador e machista, foram feitas por reclamações do voto favorável da parlamentar ao projeto de lei do GDF que alterou as regras da previdência dos servidores do DE: "Você tem o direito de discordar de uma decisão minha, mas não tem direito de me ofender. Suas mensagens já foram devidamente encaminhadas à polícia", escreveu a deputada em resposta.



SIGA O DINHEIRO

R\$ 126,2 milhões

Investimento liquidado pelo GDF para a manutenção do ensino fundamental de janeiro a maio de 2020

Máscaras na periferia

Organizações da sociedade civil que queiram produzir e distribuir máscaras em comunidades de baixa renda para prevenção da covid-19 poderão contar com o apoio de um edital que será aberto amanhã. A iniciativa, batizada de Máscara para todos, será bancada com recursos de emendas parlamentares do deputado distrital Leandro Grass (Rede). Cada uma das 10 organizações selecionadas receberá R\$ 57 mil. O calendário prevê que a execução do trabalho seja entre 24 de agosto e 27 de novembro. A regulamentação ficará por conta da equipe do parlamentar.



À QUEIMA-ROUPA

**CÉSAR BERGO,**  
presidente do Conselho Regional de Economia do DF



A maioria das atividades comerciais foi liberada pelo governador. O que é possível fazer para ajudar empresários e setor produtivo a saírem da crise?

As idas e vindas nas decisões de retomada das atividades econômicas geraram um clima de muita insegurança para o ambiente de negócios. Assim, o mais importante é que as decisões estejam ajustadas com os demais Poderes locais (Legislativo e Judiciário) para que tenham caráter permanente. Neste segundo momento, é necessário dar atenção especial aos setores mais fragilizados — setor educacional, por exemplo — fazendo uma espécie de peneira para identificar as reais necessidades de cada um, destinando apoio técnico e financeiro para que possam superar suas dificuldades. O tempo é fator decisivo, pois nada é revolucionário, mas tudo é urgente.

Do lado dos empresários, o que pode ser feito? Quais alternativas de uma situação como essa?

Cumprir à risca as regras sanitárias é prioridade para não colocar em risco a recuperação gradativa que depende do controle da pandemia. Intensificar o uso de tecnologia e rever o nível de comprometimento de seus negócios. Reduzir os custos fixos, como renegociar o contrato de aluguel e os contratos com fornecedores. Investir na qualidade e na segurança e estabelecer planos de contingência para situações futuras de riscos. Participar de cursos de qualificação empresarial. Além disso, no tocante aos aspectos financeiros, renegociar as dívidas e buscar novas fontes de financiamento para manter a viabilidade do empreendimento. O importante é estar preparado para o momento de retorno à normalidade.

Pelo histórico do DF e pela análise do contexto atual, quais setores podem auxiliar e se destacar na retomada da economia da capital?

Setores tradicionais, como construção civil, comércio e turismo, terão papel fundamental na retomada do crescimento da região. Mas setores ligados à tecnologia e à economia criativa terão espaços cada vez maiores em nossa economia, sobretudo porque são grandes agregadores de valor. Setores ligados à infraestrutura urbana serão muito demandados em razão do aumento dos gastos do governo com essa área.

É possível estimar em que momento a crise deve arrefecer e voltar a haver crescimento na capital?

Os economistas estão desenvolvendo estudos no mundo inteiro para mensurar os impactos e a duração dos efeitos da atual crise. A maioria aponta para algo em torno de dois a três anos para que a produção volte aos níveis anteriores à pandemia. No caso de Brasília, em razão das características peculiares de sua economia, acreditamos que alguns sinais de melhora já se façam presentes no primeiro semestre de 2021.

Como o senhor avaliou a Lei de Diretrizes Orçamentárias para 2021 aprovada pela Câmara Legislativa recentemente?

Na minha visão, a lei foi elaborada com as informações disponíveis à época. Mas ela me pareceu otimista no tocante à realização da arrecadação. Os estudos atuais apontam para uma recessão mais severa do que aquela prevista nas projeções feitas na LDO. Isso poderá gerar um descompasso na realização das despesas. O importante é que se priorizem as políticas sociais, pois o cenário para este ano é de desemprego elevado, maior informalidade e redução nas condições das empresas de contratarem mão de obra.

Que impacto pode ter a rejeição da Câmara Legislativa do programa de refinanciamento (Refis-2020) neste momento de pandemia?

Particularmente, eu não sou favorável a esse tipo de programa que premia o mau pagador. Mas, o cenário atual é diferente e exige medidas fora de uma razoável lógica de arrecadação tributária. Assim, vejo que deveria ter sido aprovado o Refis, pois traria um grande alívio fiscal para o governo e um alento para a classe empresarial neste momento de absoluta excepcionalidade.

TUITADAS

Acompanhe a cobertura da política local com @alexandrepaulas

Novo coronavírus chegou ao Distrito Federal importado de moradores com alto poder aquisitivo que fizeram viagens internacionais. No entanto, hoje, a maioria dos infectados vive na periferia de Brasília, local onde há, também, o maior número de mortos pela doença

# Covid-19 escancara a desigualdade social

» ALAN RIOS

O avanço do novo coronavírus no Distrito Federal evidencia as desigualdades sociais da capital. É isso que afirmam especialistas, que destacam as vulnerabilidades da população de baixa renda no DF. No primeiro boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde que divulgou o recorte da infecção por região, em 26 de março, o Plano Piloto tinha a maioria de casos, com 50 moradores diagnosticados com covid-19, enquanto uma pessoa em Ceilândia havia recebido o resultado positivo. Hoje, Ceilândia concentra o maior número de infectados, com quase duas vezes mais ocorrências se comparado ao Plano Piloto. Para explicar essa mudança que atingiu outras regiões periféricas, pesquisadores lembram que é preciso avaliar amplamente o perfil de cada local.

Além da observação dos índices de isolamento social, é necessário compreender os motivos que fazem as pessoas saírem de casa, uma vez que muitos precisam quebrar a quarentena para trabalhar. Vitória Alves, 18 anos, é operadora de telemarketing em uma empresa na Asa Sul, no entanto, a jovem mora em Planaltina. "Como trabalho longe, não dá para fazer o isolamento direitinho. Preciso pegar ônibus e evito ficar perto das pessoas, mas, às vezes, ele está lotado, e não tem muito o que fazer. A viagem leva de 40 minutos a uma hora, quando está muito engarrafado", conta Vitória — que tem asma e bronquite e mora com uma pessoa idosa.

Professora de Saúde Coletiva da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília (UnB), Breitner Favares acredita que o transporte público é um dos fatores que podem explicar o aumento de casos de covid-19 na periferia. "Quanto maior o tempo de confinamento de alguém dentro de um ônibus ou metrô, maior o fator de risco. Muitas pessoas encaram longas jornadas, enfrentam poucas frotas e são impossibilitadas do distanciamento mínimo dentro desses meios", diz.

Para Breitner, o trabalho é outro ponto que pode influenciar no avanço da doença nas regiões de população com menor poder aquisitivo. "O Plano Piloto tem condições de promover um fechamento que cidades, como Ceilândia, têm mais dificuldade. Não há, efetivamente, um distanciamento social quando classes mais favorecidas continuam utilizando serviços domésticos, por exemplo. A empregada tem que ir trabalhar, por teir, também, é obrigado a ir, porque eles não encontram o subsídio necessário e precisam se expor ao risco por conta desse salário", comenta.

O especialista lembra que o bloqueio histórico a direitos básicos, como educação, cultura e saúde de qualidade, reflete-se no momento atual e que prejudica pobres e negros. Para ele, a situação exige um comprometimento maior do Estado. "Como não há um posicionamento firme de quem representa a população politicamente, acaba-se criando uma permissividade. Ou seja, se alguém acima de mim diz que não existe necessidade de isolamento, por que eu vou fazer isso? Isso gera um efeito no comportamento da população, que se comporta como se o risco fosse algo menor", sintetiza.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Vitória Alves mora em Planaltina e trabalha no Plano Piloto: viagem de ônibus leva cerca de 40 minutos



Eduineide de Jesus precisa se deslocar 30km para buscar atendimento para o filho, que tem necessidades especiais

na Rayssa/CB/D.A. Press



Especialistas apontam o transporte público como um dos elementos que contribuirão para o aumento de casos na periferia



» Palavra de especialista

**"Isso não é um acaso"**

Momentos dramáticos como este revelam as disparidades sociais e a assimetria de poderes. Essas, reiteradas historicamente pela ausência ou ineficácia de políticas públicas que contemplem as especificidades das periferias urbanas. É significativo que os índices de letalidade da covid-19 sejam muito maiores nas cidades de periferia do DF do que nos bairros nobres do Plano Piloto e em outras localidades, e isso não é um acaso. Não há dúvida de que nessas seis décadas de existência da nova capital, doenças, epidemias e mortes geraram uma memória histórica, e estas enfermidades acometeram de modo distinto pessoas de classes mais favorecidas e a classe trabalhadora precarizada.

Desde os canteiros de obras da construção da nova capital em fins da década de 1950, os trabalhadores do Distrito Federal enfrentaram as doenças endêmicas da região, mas, também, graves ciclos de epidemias, a exemplo daquelas de sarampo, varicela, varíola, tuberculose e meningite. Essa última teve auge em 1974 e, em plena ditadura militar, o governo buscou silenciar ao máximo as informações de contágio, facilitando a propagação e atrasando medidas para o seu combate. Relatos de moradores daquela época trazem, por exemplo, indícios dos efeitos do contágio em Ceilândia, uma localidade que se estruturava precariamente em meio a essa epidemia, que surgiu em 1971. Crianças, homens e mulheres adoeciam e morriam sem que ao menos soubessem do que se tratava.

Não foi diferente em muitas localidades do DF. Naquele momento, como hoje, as precárias condições de moradia, o trabalho precarizado, a escassez no abastecimento regular de água e a falta de tratamento de esgoto são elementos que agravam a vulnerabilidade dessas populações. Nesse sentido, podemos afirmar que se trata de situação em que, historicamente, percebemos mais permanências do que transformações.

Portanto, podemos pensar que a pandemia, associada ao descaço social, é uma "novidade menor" para quem vive o dia a dia nas periferias. E tudo isso agrava-se em um momento em que, politicamente, há um crescente discurso autoritário e negacionista da ciência, que confunde as pessoas e gera dispersão de informações entre os moradores, o que corrobora a letalidade nas periferias urbanas.

**Crístiane Portela, professora do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora do Projeto Outras Brasília — ensino de história do Distrito Federal a partir de fontes documentais**

## » Perfil das regiões

### Ceilândia (incluindo Pôr do Sol e Sol Nascente)

Renda domiciliar estimada em um valor médio por pessoa	R\$1.125,10
Local em que as pessoas exerciam o trabalho	26,5% no Plano Piloto
Meios de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho	51,7% de ônibus e 26,7% de automóvel
Plano de saúde	90,6% não têm

### Sambamba

Renda domiciliar estimada em um valor médio por pessoa	R\$ 997,10
Local em que as pessoas exerciam o trabalho	8,8% no Plano Piloto
Meios de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho	49,9% de ônibus e 32,1% de automóvel
Plano de saúde	79,5% não têm

### Taguatinga

Renda domiciliar estimada em um valor médio por pessoa	R\$ 2.211,60
Local em que as pessoas exerciam o trabalho	29,5% no Plano Piloto
Meios de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho	31,7% de ônibus e 50,4% de automóvel
Plano de saúde	59,5% não têm

### Plano Piloto

Renda domiciliar estimada em um valor médio por pessoa	R\$ 6.749,80
Local em que as pessoas exerciam o trabalho	87% no Plano Piloto
Meios de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho	16,1% de ônibus e 71,8% de automóvel
Plano de saúde	17,8% não têm

Fonte: Pesquisa Distrital, por Amostra de Domicílios (PDAD) 2018, Companhia de Planejamento (Codeplan)

## Realidades opostas

Não só os empregos se concentram no centro do Poder, na capital, como também serviços básicos. Edineide de Jesus, 33, está desempregada, mora em Ceilândia e tem um filho com necessidades especiais, que precisa de atendimentos que só encontra a mais de 30km de casa. "Esses dias mesmo, ele teve consulta na Asa Norte. Muita coisa que precisamos resolver é longe de casa e nos obriga a pegar ônibus e a ficar nessa situação de exposição quando eles estão lotados", relata a mãe. Devido a casos como esse,

o filósofo Marcelo Veronez, do Instituto Brasileiro de Inteligência Espiritual (Ibiesp), afirma: "A diferença social em menos de 35km do DF é evidente, não precisa ser especialista para perceber".

Marcelo considera que, do ponto de vista sociológico e antropológico, a população com menor poder aquisitivo é a mais vulnerável ao vírus, pois vive na periferia e é confrontada com exigências que não existem para a classe alta, como conseguir se manter no emprego, trabalhar de forma presencial e garantir o distanciamento em casas que concentram muitos moradores. "Tem

gente que mora no Plano Piloto e está doído para ir à academia, enquanto tem gente que não tem máscara para usar. O coronavírus agravou a diferença social, com uma crise que provocou demissões de empregados com salários baixos e trouxe a necessidade de que eles busquem empregos informais em plena pandemia", lembra o filósofo.

## Observar para mudar

Especialistas como Breitner Favares e Marcelo Veronez citam que esse é um momento para pesquisas e ações de políticas públicas

que tracem o perfil de quem mais sofre com a doença — como raça, escolaridade e renda —, para que essas pessoas mais vulneráveis sejam identificadas e recebam amplo suporte. Atualmente, a Secretaria de Saúde não dispõe dessas informações. "Os dados disponíveis para análise sobre a pandemia são capturados por meio de notificação em um formulário eletrônico único, elaborado pelo Ministério da Saúde e utilizado por todas as unidades do país. Nesse formulário não constam dados como escolaridade e raça, o que inviabiliza esse tipo de análise", informou a pasta, em nota.